ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA CRECHE EM BUSCA DA QUALIFICAÇÃO

Ariadne de Sousa Evangelista

Universidade Estadual Paulista - UNESP, Programa de Pós-Graduação em Educação, Presidente Prudente, SP. Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, SP. Universidade Anhanguera, Curso de Pedagogia Semipresencial, Presidente Prudente, SP. E-mail: ariadne_ev@hotmail.com

RESUMO

Este texto apresenta resultados finais do trabalho de conclusão de curso de especialização em Psicopedagogia intitulado “O espaço na Educação Infantil: análise para a qualificação”. O objetivo principal é analisar a organização do espaço de duas salas de Educação Infantil, observando se sua qualidade atende às necessidades da criança pequena, considerando seu desenvolvimento integral. A pesquisa se utiliza de uma abordagem qualitativa, envolvendo discussões sobre Psicopedagogia, espaço, ambiente, com ênfase na Educação Infantil. O campo de investigação é uma sala de maternal I e II de período parcial e uma sala de maternal II de período integral, de instituição pública de Presidente Prudente, situada no interior do Estado de São Paulo. O procedimento de coleta de dados é a análise documental e a observação do espaço, sem presença de crianças, com registro escrito e fotográfico. As conclusões apontaram que a estrutura física tem atendido a algumas expectativas apresentadas nos documentos legais e pesquisas da área, principalmente no que se refere à salubridade. Constata-se, porém, no que se refere ao arranjo espacial, que, mesmo diante de tantos estudos que incentivam o uso de cantos de aprendizagem, favorecendo a autonomia e outros beneficios, na prática, muito pouco tem se alterado. Assim, para que haja uma mudança significativa, é preciso um trabalho multidisciplinar, incluindo pedagogos, arquitetos, psicopedagogos etc.

Palavras-chave: Organização do espaço educacional. Educação Infantil. Ambiente escolar. Psicopedagogia.

ANALYSIS OF THE SPATIAL ORGANIZATION OF THE NURSERY IN SEARCH FOR QUALIFICATION

ABSTRACT

This paper presents the final results of the specialization in Educational Psychology course completion assignment entitled "The space in early childhood education: analysis for qualification". The main objective is to analyze the space organization in two rooms of early childhood education, observing if its quality meets the small child's needs. The research uses a qualitative approach, involving discussions on educational psychology, space, and environment, with emphasis on early childhood education. The research field is a part-time nursery I and II room and a nursery II full-time one, from a public institution of Presidente Prudente, located in the state of São Paulo. The data collection procedure is through document analysis and space observation, without the presence of children, with written and photographic record. The findings indicate that the physical structure has met some expectations presented in legal documents and researches in the area, particularly with regard to health. However, in the spatial arrangement, even in the face of so many studies that encourage the use of learning corners, in practice, very little has changed. Therefore, so that there is a significant change, a multidisciplinary approach is needed, including educators, architects, educational psychologists, etc.

Keywords: Educational space organization. Early childhood education. School environment. Educational Psychology.

INTRODUÇÃO

Neste texto, apresentam-se os resultados finais do trabalho de conclusão de curso de especialização em Psicopedagogia intitulado “O espaço na Educação Infantil: análise para a qualificação”. O interesse desta pesquisa

originou-se das discussões durante as aulas no curso de Especialização em Psicopedagogia, da experiência profissional e do envolvimento com o Grupo de Pesquisa "Formação de Professores para a Educação Infantil" (FOPREI).

Diante desses envolvimentos, surgiram algumas inquietações: como estão organizados os espaços educacionais, atualmente? Quais concepções essa organização reflete? Os professores têm formação para organizar o espaço educacional? A escola pública tem condições materiais de ser alterada? O que um psicopedagogo institucional pode fazer, nesse contexto? Como fazer para que haja uma mudança significativa nas práticas pedagógicas em relação ao espaço educacional?

Considerando a relevância do tema e a delimitação do trabalho, focou-se em tentar responder principalmente à primeira e à última questão. Assim, o objetivo principal deste trabalho é analisar duas salas de Educação Infantil, observando se estas atendem às necessidades das crianças pequenas para um desenvolvimento integral e saudável.

A fim de compreender e discutir sobre a importância do espaço como parte do currículo escolar, para crianças pequenas de até cinco anos de idade, a fundamentação teórica tem como base os seguintes autores: Barbosa (2006); Barbosa e Horn (2001); Blanc e Lesann (2012); Cadorna (1999); Carvalho e Rubiano (2000); Edwards, Gandini e Forman (1999); Forneiro (1998); Kramer e Guimarães (2007); Horn (2004).

A investigação se enquadra nos princípios da pesquisa qualitativa e se caracteriza como um estudo de caso. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram a análise documental do Plano Diretor 2013-2015 da escola, em relação aos espaços, e a observação do espaço da sala de aula e arredores, com registro escrito e fotográfico, sem a presença de crianças.

O estudo de caso foi realizado em um Centro de Educação Infantil, filantrópico e conveniado à Prefeitura Municipal em Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo. Essa creche atende crianças de até três anos e onze meses de idade. Neste munícipio, as turmas dessa faixa etária são nomeadas: berçário I, berçário II, maternal I e maternal II.

A partir das análises foram levantadas possíveis recomendações com o objetivo de qualificar o espaço, de forma que ele cumpra seu papel "educador e curricular" na Educação Infantil. Este texto também visa a contribuir com o avanço nas pesquisas sobre o tema e servir de reflexão para os profissionais da Educação Infantil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Psicopedagogia surge no Brasil da necessidade de atender àquelas crianças que, por diferentes razões, não conseguiam se adaptar à escola, ou seja, crianças com fracasso escolar. No princípio, foi atribuído a essas crianças algum tipo de inaptidão ou distúrbio, de modo que se tratava o problema como se fosse de ordem neurológica; assim, para compreender as razões das dificuldades de aprendizagem, partia-se dos estudos sobre o desenvolvimento orgânico do aluno.

Hoje o psicopedagogo ampliou seu campo de ação e está presente onde seja necessário aprender a aprender, ou seja, empresas, hospitais, escolas etc. A Psicopedagogia atualmente tem a função de reeducar (no sentido de aprender a aprender) a criança com dificuldade de aprendizagem, nas clínicas, além de ter a função preventiva, nas escolas.

A Psicopedagogia Institucional surge da necessidade dos psicopedagogos clínicos em relacionar-se com a escola, visto a improdutividade de um trabalho isolado. Essa situação trouxe benefícios para a escola, para o aluno e para o terapeuta.

É necessário que a escola se autoavalie constantemente, refletindo sobre os procedimentos de ensino e a eficácia de cada um deles, e propondo mudanças, quando necessário. No cotidiano escolar brasileiro, cabe ao orientador pedagógico e ao gestor, que podem ter diferentes nomenclaturas de acordo com a região, propor e dirigir essas reflexões, junto com o corpo docente, nas HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) e nas Reuniões Pedagógicas, com toda a equipe de funcionários.

Enfatiza Sargo (1994): "Quanto mais a escola fizer sua autoavaliação, quanto menos mantiver estereótipos e ambiguidades, mais ela livrará o aluno de ser o responsável pelo fracasso em sua aprendizagem" (SARGO, 1994, p.104).

Cabe ao corpo docente decidir se é necessária assessoria externa, a fim de que haja algumas mudanças.

A Educação Infantil brasileira também se modificou muito, ao longo de sua história. Esteve vinculada ao assistencialismo até a LDB de 1996. E, ao longo desses vinte e um anos, as pesquisas

e documentos legais específicos para a área têm avançado significativamente. Porém, nota-se um distanciamento entre as práticas educativas e a legislação brasileira. O senso comum acredita que, para se educar crianças pequenas, não é preciso formação, espaço adequado, investimento: basta ser mãe e ter paciência.

Defende-se a ideia de que as crianças, desde que nascem e vão para a escola, têm direito a uma educação de qualidade. Como destaca o RCNEI (2009, p.9), as propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem ter

> [...] como objetivo principal promover o desenvolvimento integral das crianças de zero a cinco anos de idade garantindo a cada uma delas o acesso a processos de construção de conhecimentos e a aprendizagem de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e interação com outras crianças. (BRASIL, 2009, p.9).

O foco deste trabalho é o espaço na Educação Infantil. Em concordância com Frago e Escolano, "[...] o espaço escolar educa" (1998, p. 74), sendo parte do currículo escolar. Mas, afinal, que espaço é esse?

A concepção de espaço compartilhada neste trabalho é a baseada em Forneiro (1998), o *espaço físico*, incluindo tudo que há nele – mobiliário, decoração, materiais, objetos, cores, odores etc. "O termo espaço refere-se ao espaço físico, ou seja, aos locais para a atividade caracterizados pelos objetos, pelos materiais didáticos, pelo mobiliário e pela decoração" (FORNEIRO, 1998, 232). Diferencia-se do termo *ambiente*, que, segundo a autora, engloba as relações estabelecidas dentro do espaço escolar.

O ambiente não é neutro, de modo que a forma como ele está organizado reflete as concepções daqueles que o organizaram. Além disso, pode ser um facilitador da aprendizagem ou um entrave para o desenvolvimento infantil. Segundo Carvalho e Rubiano (2000):

> [...] qualquer ambiente construído exerce um impacto tanto direto como indireto, ou simbólico, sobre os indivíduos. Na primeira instância, fatores físicos podem influenciar o comportamento, facilitando certas atividades e obstruindo outras. (CARVALHO; RUBIANO, 2000, p.117).

Para as crianças pequenas é ainda mais relevante, à medida que elas necessitam sentir-se acolhidas e pertencentes ao lugar, a fim de que tenham confiança e segurança suficiente para avançar. De acordo com Horn (2004), "[...] o ambiente de uma escola infantil deverá ser acolhedor através das cores, dos objetos, dos aromas, da harmonia e da calma que tudo isso transmitirá a criança" (HORN, 2004, p.36).

Conforme Frago e Escolano (1998), desde a arquitetura escolar, a forma como os professores organizam os mobiliários e decoram a sala, tudo reflete a concepção pedagógica da instituição. Em relação ao prédio escolar, sua construção vai além dos limites de atuação do professor, cabe a ele apenas reivindicar melhorias junto a gestão escolar, que encaminhará ao responsável. Em relação ao arranjo espacial e à decoração de dentro da sala, geralmente, é de responsabilidade do professor.

Para Carvalho e Rubiano (2000), o arranjo espacial está relacionado ao modo como os móveis e outros materiais presentes na sala estão dispostos. Baseadas em Legendre (1983, 1986, 1987, 1989), as autoras enfatizam que existem três tipos de arranjos espaciais: semiaberto, aberto e fechado: o arranjo semiaberto é aquele em que há zonas circunscritas, permitindo a visibilidade da criança da sala e do adulto; o arranjo aberto é aquele em que não há zonas circunscritas e a maioria dos mobiliários é encostada na parede, formando um espaço amplo central; o arranjo fechado é aquele em que há móveis ou outros objetos os quais impedem a visão da criança da totalidade da sala. Posteriormente, Meneghini e Campos-de-Carvalho (2003), baseadas no mesmo autor, modificaram essas denominações para arranjo visualmente aberto, arranjo aberto e arranjo visualmente restrito. Nesse sentido,

> 1) arranjo visualmente aberto (também denominado de arranjo semiaberto, em seus

> estudos iniciais) – proporciona à criança uma visão de todo o local, sendo caracterizado pela presença de zonas circunscritas – áreas delimitadas, pelo menos em três lados, por barreiras formadas por mobiliários, parede, desnível do solo, etc.; é necessário o uso de barreiras baixas o suficiente para que as crianças visualizem facilmente o adulto, devido ao comportamento de apego, típico dessa faixa etária (Rossetti Ferreira, 1984); 2) arranjo aberto – caracterizado pela ausência de zonas circunscritas, geralmente havendo um espaço central vazio; 3) arranjo visualmente restrito (denominação anterior: arranjo fechado) – barreiras físicas, por exemplo um móvel alto, dividem o ambiente em duas ou mais áreas, impedindo uma visão total do local pelas crianças. (MENEGHINI; CAMPOS-DE-CARVALHO, 2003, p. 368).

Esclarecemos que segundo as autoras, as zonas circunscritas "[...] são áreas espaciais claramente delimitadas pelo menos em três lados por barreiras formadas por mobiliários, parede, desnível do solo etc. A característica primordial destas zonas é sua circunscrição ou fechamento, portanto, um aspecto topográfico." (CARVALHO; RUBIANO, 2000, p. 128).

Neste sentido, incentiva-se o uso preferencial do arranjo visualmente aberto, pois ele permite uma maior interação entre as crianças e uma menor dependência em relação ao professor. Por sua vez, no arranjo aberto, as crianças tendem a centrar-se no professor, por vezes se distraem e divagam pela sala, enquanto, no arranjo visualmente restrito, as crianças evitam os espaços que impedem o contato visual, pois se sentem inseguras e tendem a centralizar-se novamente na figura do professor. (MENEGHINI; CAMPOS-DE-CARVALHO, 2003)

Forneiro (1998) seleciona nove critérios para uma adequada organização dos espaços: estruturação por áreas, delimitação clara de áreas, transformação, favorecimento da autonomia, segurança, diversidade, polivalência, sensibilidade estética e pluralidade. Não cabe neste trabalho descrever cada um deles, porém, pela nomenclatura, nota-se a defesa da presença das zonas circunscritas.

Optamos por nos ater à "sensibilidade estética", que faz referência à decoração; segundo a autora, deve-se usar cores vivas e atraentes, sem perder a harmonia; o professor precisa ser original, estimulando a criatividade do aluno; também é de extrema importância que a sala seja decorada com elementos produzidos pelos alunos e, por fim, deve haver a presença de réplicas de obras de arte.

Cunha (2009), em sua pesquisa sobre a forma como as salas de Educação Infantil eram decoradas, constatou que muitas ainda estavam povoadas de personagens infantis midiáticos nas paredes, mais presentes até que os cartazes de apoio, como chamadinha, aniversariantes do mês, calendários etc. Assim como a organização do arranjo espacial, a decoração não é neutra; por isso, observou que, quando as crianças tentavam reproduzir esses modelos em suas atividades pedagógicas, diminuía sua curiosidade e singularidade. Além disso, ao reproduzir a forma de olhar adestrado, desejado pela mídia, o professor forma novos consumidores e não questionadores conscientes.

Se considerar que as crianças estudadas têm entre dois e quatro anos de idade, e que há diferenças entre o espaço indicado para o berçário e para a pré-escola, podemos afirmar que o maternal seria a transição. Assim, passaria de um espaço mais amplo, limpo, com alcance visual total da educadora, presença de trocadores, cuba para banho e lactário, necessários para o berçário, para um espaço com várias áreas circunscritas, com a presença de mesas e cadeiras, sem a presença de apêndices, necessários para uma pré-escola. O espaço do maternal deve ser um espaço intermediário, em que os professores fossem acrescentando zonas circunscritas aos poucos.

Blanc e Lesann afirmam que inicialmente os ambientes devem ser organizados reproduzindo o ambiente doméstico, c (2012, p. 43): "O trabalho na escola apoia-se na

reprodução inicial do ambiente da casa do aluno e de sua vida familiar para aos poucos, enriquecer e diversificar as atividades propostas".

Ou seja, áreas com utensílios que imitam cozinhas e quartos são os primordiais, inicialmente, recheados por bonecas, fogões, panelas, pratos, garfos, berço, ferro de passar, banheira etc. Gradativamente, o professor pode inserir uma área de leitura, com diferentes portadores: livros, revistas, gibis, jornais; tapetes, sofás ou *pufs* e uma área de artes, com pincéis, tintas, lápis, gizes de cera, folhas etc. Outras áreas poderão surgir, de acordo com os interesses dos alunos e com a participação deles.

A partir da concepção de espaço, das pesquisas, das indicações de arranjo espacial e da decoração apresentadas, analisamos os espaços da creche, com foco na sala de aula, considerando que ainda é o local onde a criança passa mais tempo dentro da escola.

METODOLOGIA

O estudo se enquadra nos princípios da pesquisa qualitativa. Ludke e André (1986), apontam cinco características principais:

> 1. A pesquisa qualitativa tem ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
> 2. Os dados coletados são predominantemente descritivos.
> 3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
> 4. O "significado" que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
> 5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.11-12).

A investigação se caracteriza como um estudo de caso, pois parte de um caso específico para um significado amplo. Nessa perspectiva, delimitou-se a observar duas salas de uma creche, escola que atende somente a crianças da Educação Infantil de até três anos e onze meses de idade, localizada em Presidente Prudente, interior do Estado de São Paulo.

Após as devidas autorizações da diretora e da coordenadora pedagógica, o documento Plano Diretor 2013-2015 foi analisado, com ênfase nos espaços da creche.

O espaço da escola foi observado sem intervenção e feito o registro escrito e fotográfico, sem a presença de crianças, para a análise. "A foto traz sempre um "querer dizer" não fixo que possibilita atribuir outros sentidos: a interpretação depende do diálogo entre fotógrafo, fotografia e observador" (KRAMER; GUIMARÃES, 2007, p. 22).

Portanto, as fotografias foram examinadas à luz da teoria estudada, sobre a qualidade da organização dos espaços, ambiente e lugar, levando-se em consideração a decoração, o mobiliário, os objetos e a estrutura das salas, em relação à idade e as especificidades das crianças atendidas naquele local. Foi investigado se os professores e educadores personalizam o espaço, de forma que ele se torne mais acolhedor e adaptado às necessidades infantis.

Após os resultados das análises, foram levantados apontamentos no sentido de qualificar o espaço, visando ao desenvolvimento pleno da criança pequena.

O espaço da creche

Segundo o Plano Diretor 2013-2015 da instituição, o Centro de Educação Infantil foi fundado em 24 de agosto de 1998, com parceria com a Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, em um espaço reformado e adaptado da entidade filantrópica, sua mantenedora. No ano de 2013, atendia a cerca de 260 crianças, em período integral e parcial, funcionando das sete às dezoito horas.

A escola conta com dois pavilhões em alvenaria e pintura em boas condições de uso. No primeiro, funciona o berçário I e II e o maternal I, administração e cozinha/refeitório principal. No segundo, está o maternal I e II.

O número de crianças por sala obedece às leis municipais, sendo que há duas turmas por sala com duas educadoras, se revezando nos espaços da escola. O mesmo acontece com as professoras.

No primeiro pavilhão, há sala da diretoria que funciona junto à secretaria, sala de orientação pedagógica, sala de TV, brinquedoteca, cozinha principal, refeitório, despensa, cozinha para funcionários, três salas de aula e três berçários. No segundo pavilhão, estão cinco salas de aula, sala de informática, outra

brinquedoteca, uma cozinha para funcionários, uma sala de TV e vídeos, seis áreas cobertas que funcionam como solários. A escola ainda possui parque, tanque de areia e outras áreas externas, como o entorno do salão de festas, o qual funciona como estacionamento para os pais, nos momentos de entrega e busca das crianças, e como espaço para passeios e recreação, em outros momentos.

Segundo o Plano Diretor 2013-2015, o que a escola gostaria de fazer para aperfeiçoar os espaços são melhorias na acessibilidade do segundo pavilhão e retirada da secretaria do primeiro pavilhão. Em outro quadro de identificação de problemas e necessidades da escola, o espaço físico aparece reforçando a retirada da secretaria e da diretoria do pavilhão do berçário, a melhoria da acessibilidade dos banheiros e algo novo: a construção de uma quadra coberta.

Visivelmente, todos os espaços se encontram em bom estado de conservação, assim como também os materiais e mobiliário. O que chama atenção na escola são as decorações, presentes em todos os cômodos, coloridas e capazes de identificar o espaço.

As salas de aulas escolhidas para análise são as de maternal. A primeira atende a crianças de maternal II de período integral, ao passo que a segunda atende a crianças de maternal I e II, ou seja, sala mista, em período parcial.

A sala de Maternal II: descrição e análise

Na sala de maternal II, são atendidas quinze crianças em período integral, sendo que, no período da manhã, participam de atividades pedagógicas com as professoras e, no período da tarde, com as educadoras.

O espaço físico é amplo, iluminado e arejado. Quanto à estrutura física, a sala é de alvenaria com pintura bege, em bom estado, uma porta de madeira, duas janelas metálicas pintadas de verde. Em relação aos mobiliários, possui uma mesa e cadeira para os profissionais da educação, duas mesas e nove cadeiras para as crianças, um armário de aço fechado com duas portas, um armário de aço aberto com quatro prateleiras e vinte e sete colchões, todos encostados na parede da sala, contornando-a quase inteiramente.

Nas paredes, há uma lousa para giz, um espelho, uma lousa pequena para caneta esferográfica, trinta ganchos para pendurar bolsas e dois ventiladores. A decoração, em sua maioria, é de EVA, possui alfabeto, números de zero a nove, cartazes, enfeites e móbiles. Os móbiles são flores coloridas em EVA e também há uma bandeira do Brasil. Os cartazes são apoios para os conteúdos trabalhados com as crianças, com os seguintes temas: cores, formas geométricas, partes do corpo, como está o dia hoje, aniversariantes, rotina, quantidade de zero a quatro, vogais, dias da semana, os meios de comunicação (projeto vigente), calendário anual, nome da turma e da professora na porta, e sobre cada gancho há um hipopótamo azul ou rosa com o nome da criança.

Figura 1 - O armário - Maternal II (Integral)



Elaborada pela autora (2013).

Em relação aos materiais, a sala possui um relógio de parede que fica pendurado sobre a lousa, um recipiente de plástico grande com brinquedos, no chão; no armário aberto, pode-se observar um rádio, um recipiente de plástico com garrafas de água, pastas poliondas das crianças, brinquedos de montar, tapete, lixo, vassoura, pá, entre outros objetos.

A estrutura física da sala e da escola como um todo se encontra em bom estado. Somente a altura das janelas é negativa, de

maneira que não dá visibilidade do espaço externo para a criança.

Figura 2 - As janelas - Maternal II (Integral)



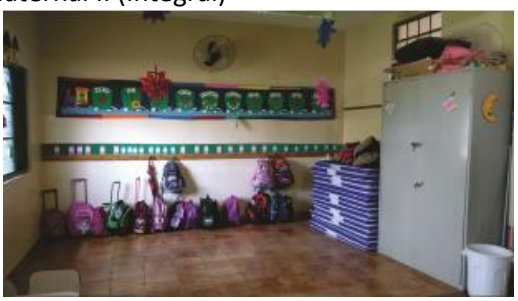
Elaborada pela autora (2013).

O arranjo espacial habitual é caracterizado por um espaço central vazio e pela presença de mobiliários e materiais encostados nas paredes da sala, arranjo que se repete em todas as salas da escola. Pesquisas têm mostrado que, entre outras ações, o emprego de zonas circunscritas estimula a interação entre crianças. As zonas circunscritas são áreas bem delimitadas com o uso de armários ou outros materiais suficientemente baixos ou vazados, permitindo o contato visual da criança pequena com a educadora, sua figura de apego. Enfatizam Campos-de-Carvalho e Souza (2008):

> A maioria das pesquisas empíricas, demonstrando a influência de aspectos físicos nas ações de crianças pequenas, vem da Psicologia Ambiental. Por exemplo, ao se estruturar o arranjo espacial, um aspecto ambiental físico, de salas de crianças menores de três anos em creches, com zonas circunscritas, observa-se um aumento de ocorrência de interações positivas, não só entre crianças nas zonas circunscritas, mas também delas com o adulto (Campos-de-Carvalho, 2004; Legendre, 1986, 1999). O educador, ao estruturar o espaço com zonas circunscritas para promover interações entre crianças, sem a sua intermediação direta, torna-se muito mais disponível para estabelecer contato com uma criança individualmente ou com um subgrupo, contribuindo para a melhoria da qualidade do atendimento coletivo de crianças pequenas. (CAMPOS-DE-CARVALHO; SOUZA, 2008, p.28).

Como se frisou, essa sala é de período integral, de maneira que, logo após o almoço e higienização, as crianças descansam na sala, por isso a presença de tantos colchões. Esse pode ser um dos motivos que levam a sala a permanecer com esse arranjo espacial, sobretudo em função da facilidade de sua transformação.

Figura 3 - O arranjo espacial - Maternal II (Integral)



Elaborada pela autora (2013).

Os armários não favorecem a autonomia dos alunos, citada por Forneiro (1998) como um dos critérios para uma adequada organização do espaço, haja vista que um é fechado e alto, enquanto o outro está escondido atrás da porta, indicando que não é para ser usado diretamente pelas crianças, mesmo sendo aberto.

As mesas e cadeiras infantis são ainda em números insuficientes para as crianças, impossibilitando uma atividade coletiva com o grupo todo, estando amontoadas, de modo que podem trazer riscos à criança, caso uma puxe e uma cadeira e caia sobre ela, por exemplo. Já a mesa e a cadeiras para as educadoras estão posicionadas na frente dos alunos, próximas à lousa, modelo muito utilizado no ensino fundamental e que valoriza a figura do educador.

Figura 4 - A decoração e as cadeiras - Maternal II (Integral)



Elaborada pela autora (2013).

Em relação à decoração, apresenta cores alegres e relacionadas aos conteúdos trabalhados, contudo, a quantidade é exagerada, com um excesso de estímulo visual capaz de ser tão prejudicial quanto sua falta. Podem ser notados dois alfabetos e mais as vogais nas paredes da sala; todavia, se houvesse apenas um alfabeto com as vogais em destaque, seria o suficiente. Os numerais também aparecem sem a quantidade até o número nove e as quantidades sozinhas vão somente até o quatro: se números e quantidades estivessem unidos, em uma única decoração de zero a nove, isso qualificaria a aprendizagem das crianças. Os cartazes dos aniversariantes poderiam estar em outras paredes, porque o excesso de informação numa única parede confunde crianças tão pequenas. O dia da semana se repete igualmente no cartaz do calendário, quando somente o do calendário que contém mais informações seria o suficiente.

Um ponto positivo no que tange à decoração é que a única imagem de personagens é a do Smilinguido, nos aniversariantes. Porém, a ausência de réplicas de obras de artes, aconselhada por Forneiro (1998), é negativa. Salienta a autora: “A sala de aula pode estar decorada de tal modo que eduque a sensibilidade estética infantil. A decoração transforma-se, assim, em conteúdo de aprendizagem: a harmonia de cores, a apresentação estética dos trabalhos, etc.” (FORNEIRO, 1998, p. 240).

Outra ausência notada dentro da sala é a de trabalhos dos alunos para a decoração. Essa exposição e valorização dos trabalhos, tão importante para construção da noção de pertencimento, está presente nos corredores da escola, conforme pode ser observado nas figuras abaixo:

Figura 5 - A exposição das atividades - Maternal II (Integral)



Elaborada pela autora (2013).

Os móbiles são aspectos positivos da sala, de modo que alguns autores afirmam que dão a sensação de abaixar o teto para as crianças pequenas. O cartaz da porta identifica o grupo, ao passo que os nomes nos ganchos das mochilas também estimulam a identidade individual, porém, como indica essa figura, há pouquíssimas bolsas penduradas, o que os torna inúteis e dispensáveis.

Em relação aos materiais, a disposição de alguns brinquedos em locais suficientemente baixos para as crianças manuseá-los é um aspecto positivo, além da presença do lixo e do relógio, para marcar o início da noção de tempo e de higiene do local. Porém, a ausência de materiais escolares e pedagógicos, como folhas, lápis de cor, gizes de cera, entre outros, os quais estivessem disponíveis para o manuseio e autonomia da criança, é um aspecto negativo.

Maternal I e II: descrição e análise

Na sala do maternal misto, são atendidas por professoras trinta crianças, em período parcial, sendo quinze no período da manhã e quinze no período da tarde. Essas turmas são mistas, ou seja, contêm crianças de maternal I e do maternal II.

A estrutura física da sala é praticamente igual à da anterior, apenas a porta muda de posição. Dos mobiliários se altera apenas a quantidade de mesas e cadeiras para as crianças, uma vez que essa sala possui apenas uma mesa e quatro cadeirinhas. Por ser de período parcial, verifica-se a ausência dos colchões. A disposição dos móveis também se repete, ficando todos encostados na parede da sala, contornando-a quase inteiramente. Os materiais anexos nas paredes são exatamente os mesmos, mudando-se apenas a posição em relação à sala, de maneira a se adicionar uma prateleira de quina.

A decoração, apesar de repetir alguns cartazes, é o que mais se diferencia de uma sala para outra. Nesta sala, observa-se o alfabeto apenas uma vez, porém, as vogais aparecem mais uma vez, relacionadas a uma imagem. Os numerais são dispostos de zero a cinco, associados a quantidade. Os dias da semana, cores, formas geométricas, projeto meios de comunicação, figuras com nomes nos ganchos, aniversariantes se repetem, diferenciando-se alguns na cor e forma. O cartaz do tempo/clima vem dissociado do calendário, e não há calendário anual. A presença de uma chamada, de um cartaz inutilizado de aniversariantes e uma árvore atrás da mesa infantil são os principais diferenciais. Os móbiles estão presentes em formato de animais. Os materiais igualmente se repetem, mas a disposição deles se altera bastante, de uma sala para outra.

Figura 6 - A decoração - Maternal I e II (Parcial)



Elaborada pela autora (2013).

Considerando que essa sala é de período parcial e que não é utilizada para descanso das crianças, o uso do colchão não justificaria a necessidade da flexibilidade rápida do arranjo espacial. Como afirmam Campos-de-Carvalho e Souza (2008), "[u]m dos grandes desafios atuais é a qualidade da organização do ambiente educacional para crianças de 0-3 anos de idade, no qual o modelo escolar, ou mesmo pré-escolar, não se adéqua" (CAMPOS-DE-CARVALHO; SOUZA, 2008, p.28).

Figura 7 - O arranjo espacial - Maternal I e II (Parcial)



Elaborada pela autora (2013).

A melhor distribuição dos cartazes nas paredes é um aspecto positivo dessa sala; nesse sentido, não há poluição visual, nem excesso de estímulo em um único local, confundindo as crianças pequenas. O cartaz inutilizado dos aniversariantes deve ser removido. A chamada é um cartaz muito interessante, para o desenvolvimento tanto da linguagem quanto da noção de identidade pessoal, porém, a altura em que ele se encontra não possibilita a participação ativa da criança.

Figura 8 - O cartaz não-utilizado - Maternal I e II (Parcial)



Elaborada pela autora (2013).

A disposição dos materiais ainda não facilita a autonomia das crianças, todavia, há um avanço na presença de brinquedos no armário aberto, aparece uma lata com lápis de cor sobre esse mesmo armário. A posição da mesa da professora é outro aspecto positivo, pois não fica em frente à lousa, mas na direção da porta.

Os ganchos das bolsas novamente aparecem inutilizáveis, mostrando-se dispensáveis, de modo que, se fossem retirados, isso abriria espaço para outras atividades e materiais, já que ocupam praticamente uma parede inteira.

RECOMENDAÇÕES

Com base nos documentos legais, a escola apresenta uma infraestrutura adequada, exceto pela altura da janela, que não permite a visualização da área externa pela criança. Porém, no que concerne às pesquisas sobre organização espacial, mais precisamente sobre arranjo espacial, a escola precisa se aperfeiçoar. Destacam Campos-de-Carvalho e Souza (2008):

> O arranjo espacial é um aspecto físico ambiental, inserido no tema organização dos espaços, que, ao contribuir para ocorrências diversas de interações, de atividades e de significações do ambiente, circunscreve os processos de desenvolvimento, podendo promover ou dificultar o desenvolvimento e a aprendizagem infantil. A organização espacial é de muita relevância para a qualidade do atendimento oferecido em instituições de educação infantil. (CAMPOS-DE-CARVALHO; SOUZA, 2008, p.37).

A alteração da organização do espaço não ocorre do dia para a noite, o que pode causar estranhamentos nas crianças e o despreparo dos educadores, prejudicando o trabalho, em vez de

auxiliá-lo. É preciso que se façam estudos e conscientização da importância, por parte dos profissionais, a fim de que parta deles a proposta de alteração da sala de aula.

Horn (2004) mostra como isso é possível, em seu livro *Sabores, cores, sons, aromas:* a organização dos espaços na Educação Infantil. Um fato que merece destaque, no trabalho, é que as reflexões partem da orientadora pedagógica e a gradual mudança nos arranjos espaciais da sala de aula é feita de acordo com a necessidade dos alunos e a segurança das professoras. Um trabalho semelhante é recomendável na creche apresentada nesta pesquisa, embora haja a necessidade de adequações, tendo em vista a idade das crianças e a realidade da comunidade local.

As decorações são o ponto forte da escola, porém, recomenda-se não exagerar na quantidade e na cor. Também se aconselha a utilizar os trabalhos das crianças para decorar a sala e a escola, de modo que elas se sintam pertencentes ao espaço, valorizadas e se identifiquem nos trabalhos.

A disposição de maior variedade de materiais para as crianças é, ainda, um ponto crítico da análise e recomendado com urgência, pois, além de favorecer a autonomia, ajuda na organização, responsabilidade, escolha, partilha, entre outros aspectos.

Concluindo, é possível ressaltar que "[o] planejamento da organização de um espaço educacional coletivo, visando à obtenção de níveis excelentes de qualidade, possibilita um ambiente educacional promotor do desenvolvimento infantil [...]" (CAMPOS-DE-CARVALHO; SOUZA, 2008, p.37).

CONCLUSÃO

O objetivo principal deste trabalho foi analisar a organização do espaço de duas salas de Educação Infantil, observando se sua qualidade atende às necessidades da criança pequena. Constatou-se que, quanto ao arranjo espacial, a escola mantém a organização no modelo com um amplo espaço central vazio, sem zonas circunscritas. Considera-se esse fator um retrocesso, a despeito de diversos estudos apontarem que a utilização de zonas circunscritas aumenta a interação entre crianças-criança e diminui a dependência com relação aos adultos, além de estimular escolha, autonomia, identidade pessoal, noção de espaço e noção de pertencimento.

Ademais, ressaltam-se vários pontos em que houve avanços no espaço educacional; entre os aspectos positivos estão as decorações presentes em praticamente todos os ambientes, tornando a escola acolhedora e segura, tanto para a criança quanto para os responsáveis; a variedade de ambientes externos à sala de aula, como, por exemplo, sala de leitura, informática, estimulação, brinquedoteca, o que parece tentar suprir a carência da diversidade no interior da sala de aula; o contato com a natureza oferecido pela escola, em que os pavilhões são ligados pelo parque, o qual é envolto em uma área verde.

Denota-se, por fim, a importância da pesquisa e a necessidade de uma mudança gradativa de concepção pedagógica. Para isso, o indicado é que a coordenadora pedagógica, auxiliada por uma equipe multidisciplinar, oriente as professoras, de forma que as convença das vantagens de se trabalhar tendo o espaço como recurso educativo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____; HORN, M. G. S. Organização do espaço e o tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. (Org.). **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

BLANC, C.; LESANN, J. **Propostas para o cotidiano da educação infantil**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n. 9394 promulgada em 20 de dezembro de 1996**. São Paulo: Roma Victor, 2007.

_____. **Resolução CEB n.º 5 de 17 de Dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros**

básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CADORNA, M. J. O espaço e o tempo no jardim da infância. **Pro-posições**: Revista da Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas, p. 132-138, 1999.

CAMPOS-DE-CARVALHO, M.; SOUZA, T. N. Psicologia ambiental, psicologia do desenvolvimento e educação infantil: Integração possível? **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 39, p. 25-40, 2008.

CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Z. M. R. de O. (Org.). **Educação infantil**: muitos olhares. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CEPPI, G.; ZINI, M. (Org.) **Crianças, espaços e relações**: como projetar ambientes para a educação infantil. Porto alegre: Penso, 2013.

CUNHA, S. R. V. da. As imagens na educação infantil: uma abordagem a partir da cultura visual. **Revista Zero-a-Seis,** Florianópolis, n. 19, jan./jul. 2009.

EDWARDS, C.; GANDINI, L. ; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FORNEIRO, L. I. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-281.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

GUIMARÃES. D. Educação infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (Org.). **Educação infantil**: cotidiano e políticas. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 93-104.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, S.; GUIMARÃES, D. Nos espaços e objetos das creches: concepções de educação e práticas com as crianças de zero a três anos. **Caderno de Pesquisa em Educação PPGE – UFES,** Vitória, v. 13, n. 16, p. 9-45, jul./dez. 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENEGHINI, R.; CAMPOS-DE-CARVALHO, M. Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro. **Psicologia**: Reflexão e Crítica, v. 2, n. 16, p. 367-378, 2003.

SARGO, C. et al. (Org.). **A práxis psicopedagógica brasileira**. São Paulo: ABPP, 1994.

TUAN, YI-FU. **Espaço e lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.

Recebido para publicação em: 20/12/2016
Revisado em: 05/05/2017
Aceito em: 29/06/2017